



CRENÇAS DE JOVENS GUINEENSES SOBRE LÍNGUAS ÉTNICAS

Martinho Manuel Sicó¹
Georgia Maria Feitosa E Paiva²

RESUMO

Este estudo visou compreender sobre as crenças que os jovens guineenses têm a respeito de suas línguas étnicas, em especial as línguas Pepel e Felupe. Tendo em vista a diversidade linguística do país, marcada por conflitos históricos, regionais, culturais, econômicas e sociais desta população, partimos da hipótese de que as referidas línguas estão passando por um processo de estigmatização por parte dos falantes mais jovens. A investigação qualitativa, exploratória e descritiva passou por duas etapas, a primeira foi uma revisão bibliográfica de estudos na área, entre eles, destacamos: BACILA (2015); GOFFMAN (2008); COUTO (2010); EMBALO (2008); SICO, M. Manuel (2021); MELO (2000); e a segunda consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas com 25 estudantes guineenses dos grupos étnicos Felupe e Pepel com idades entre 18 e 36 anos. Os resultados demonstraram que 24 dos 25 entrevistados demonstraram que mantêm uma forte relação afetiva com as línguas étnicas, que são faladas especialmente em ambientes privados, com parentes e amigos mais próximos.

Entrevistamos 25 falantes, 11 são da língua felupe e 14 são falantes da língua pepel. Os resultados que obtivemos até neste dado momento, foi as análises das falas dos falantes das referidas línguas étnicas que demonstraram as suas relações afetivas perante as suas línguas étnicas. E através dessas análises podemos perceber que de certo modo, alguns falantes das referidas línguas étnicas sentem algum desconforto ao falar as referidas línguas em lugares públicos, preferindo falar as línguas somente com familiares ou amigos mais próximos.

Esta investigação que teve como objetivo compreender sobre a construção das crenças que os jovens guineenses têm a respeito de suas línguas étnicas, em especial as línguas Pepel e Felupe, já traz alguns resultados importantes, dentre eles, podemos destacar elas como:

- a) língua afetiva: pepeis e felupes consideram suas línguas étnicas como línguas afetivas faladas exclusivamente com familiares, especialmente os mais velhos, e em contextos de interação privada.
- b) patrimônio cultural: a língua é vista com valor para eles, que deve ser transmitido para as próximas gerações e deveria ser mais preservado por iniciativas culturais e governamentais.
- c) marcador identitário: em contextos de interação pública, especialmente nos espaços guineenses, as línguas pepel e felupe sinalizam seus falantes como nativos de localidades distantes da capital.
- d) para o preconceito linguístico: não ser natural de Bissau, falar felupe ou pepel em lugares públicos, especialmente na Guiné Bissau, “chamam a atenção” de modo que seus falantes se sentem desconfortáveis e às vezes constrangidos. Acreditamos que este trabalho contribuirá para os estudos das ciências humanas e sociais, assim como para linguística e a história, além disso, consideramos que a sociedade guineense poderá se beneficiar dos resultados deste estudo. Agradecemos à Unilab pelo financiamento da pesquisa intitulada CRENÇAS DE JOVENS GUINEENSES SOBRE LÍNGUAS ÉTNICAS e executada entre 01/10/2022 e 30/09/2023, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e Tecnológica (Pibiti), da Unilab. Agradeço à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) pelo financiamento da pesquisa intitulada CRENÇAS DE JOVENS GUINEENSES SOBRE LÍNGUAS ÉTNICAS.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Pepel; Felupe.

Unilab, Instituto de IH, Discente, anhorividichoy10@gmail.com¹

Unilab, Instituto de Linguagens e literaturas, Docente, georgiafeitosa@unilab.edu.br²